

LITERATURA E ENEM: IMPLICAÇÕES NO ENSINO MÉDIO

*Gilsa Elaine Ribeiro Andrade **

Resumo

A história do ensino de Literatura, letramento literário, metodologias e práticas avaliativas ocupam um lugar de destaque no meio acadêmico, suscitando pesquisas abrangentes nessa área. Nesse sentido, a fim de refletir sobre o papel e o lugar da Literatura na atualidade, no que se refere ao ENEM, faremos um breve percurso da história da literatura no ensino brasileiro, sua metodologia e conceitos diversos desde o século XVI até os dias de hoje, conforme Souza (1999), Razzini (2002), assim como das autoras Zilberman (2005) e Barbosa (2010), visando observar o lugar que a Literatura ocupa no Ensino Médio com a inserção de tal processo avaliativo em nível nacional. Para ilustrar nossas discussões, analisaremos, também, algumas questões de provas do Enem, observando as implicações de seus documentos, conteúdos, matrizes de referência e avaliações para o Ensino Médio, apontando inovações e contradições em seu projeto no que se refere à literatura.

* Universidade Federal da Paraíba

Palavras-chave: Enem – Literatura – Ensino Médio.

Introdução

Falar sobre o lugar da Literatura no Exame Nacional do Ensino Médio traz, antes de tudo, a necessidade de revermos paradigmas que norteiam o ensino de Literatura, o que nos remete a épocas anteriores, observando o fato de que não há nada de totalmente novo, mas formas e olhares diferentes para velhos problemas (BARBOSA, 2010, p.1).

Inicialmente, é bom lembrar que a Literatura não ocupou o mesmo lugar nem foi considerada sempre da mesma forma. Segundo Abreu (2003), até meados do século XVIII, a literatura era confundida com erudição, conhecimento, filosofia, história, ciência. Os autores dependiam dos chamados mecenas, financiadores das artes.

Passando por vários conceitos e definições, o termo literatura manteve-se vago, destinando-se a tudo o que fosse produzido com fins de beleza, como a poesia, a eloquência, a história bem escrita, segundo Voltaire (apud Abreu, 2003). Assim, gosto e beleza determinaram a literatura, o que levou à discriminação dos leitores, uma vez que o gosto nem sempre é o da maioria, contribuindo para a divisão entre leitores ignorantes e leitores sábios, entre as boas e más leituras etc. (ABREU, 2003).

O próprio romance, gênero literário por excelência nos dias atuais, não recebia a categoria de literatura, dentro do conceito de belas artes, erudição, uma vez que não possuía forma nem tema únicos, não se enquadrando em modelos já estabelecidos pela retórica e a poética,





nem muito menos os fins formativos que controlavam as leituras literárias do século XIX (BARBOSA, 2009).

Coube então ao ensino o papel disseminador de conceitos, relações e consumo da literatura já desde o período do Brasil colônia. Nessa época, a literatura nos chegava pelas mãos dos Jesuítas, com finalidades didáticas e formativas de uma sociedade cristã católica. Mas, segundo Souza (1999), apesar de já haver incipientes manifestações nos séculos XVII e XVIII, é no século XIX que a atividade intelectual ganha entre nós contorno pleno. As procedências para a escassa produção dos estudos literários no Brasil, no período colonial, são, essencialmente, as academias, os poetas e o ensino, que se tornaram elementos colaboradores tanto de uma formação da crítica literária no Brasil como demarcaram uma tradição literária que repercute nos modelos de apreciação, crítica e ensino que durante muito tempo vêm sendo adotados nas escolas e universidades de Letras de nosso país.

Como característica do ensino de responsabilidade exclusivamente eclesiástica, sob a direção dos jesuítas, tinha-se o caráter humanista que, de extração pedagógica, voltava-se para a formação integral do homem, com o propósito de “preparar os indivíduos para o exercício de tarefas especializadas” (SOUZA, 1999, p. 21). A literatura possuía, assim, fins específicos.

O ensino humanístico, então, caracteriza-se por consolidar e transmitir uma *cultura geral*, naturalmente não no sentido depreciativo dessa expressão – noções superficiais e inúteis sobre variedades –, pois deve-se entender por *geral*, nesse contexto, o que interessa irrestritamente a todos, isto é, o que sendo *comum*, é da ordem do comunicável. Daí deriva a centralidade assumida pelo instrumento de comunicação, a linguagem, que contrai com a ideia de cultura geral uma relação de inter-

implicação nos quadros da educação humanística. (ibid., p. 22)

A partir do século XIX, os estudos literários no Brasil se consolidaram devido a fatores históricos, políticos e culturais, tais como a transferência da família real para o Brasil, a abertura dos portos, a implantação da imprensa, a criação da Biblioteca Real e do Real Teatro de São João, além da Academia de Belas-Artes e dos cursos de nível superior, superando-se de vez a situação do período colonial.

O modelo orientador, seguindo uma tendência mundial, passa a ser o *historicismo*. Em 1855, a literatura nacional é incluída pela primeira vez no currículo durante o Império, distanciando-se da abordagem “clássica” dos gêneros “em favor do ponto de vista histórico, considerado ‘moderno’ por estar em sintonia com a história da nação.” (RAZZINI, 2002, p. 6), sendo a ascensão da disciplina de Língua Portuguesa e sua Literatura alcançada devido à sua inclusão nos Exames Preparatórios para as universidades, por serem consideradas – as disciplinas – indispensáveis para a aquisição da cultura geral.

Com a inserção do Português nos Exames Preparatórios, essas aulas aumentaram e incluiu-se redação e composição, além de o estudo ter assumido caráter cronológico como vemos nos livros didáticos dedicados à literatura, em dias atuais, assim como nas propostas de avaliação dos vestibulares, inclusive, do Enem. Mas nem sempre foi assim. A partir de 1881, os textos literários passaram a ser oferecidos aos estudantes obedecendo a uma ordem cronológica inversa:

O Programa de Português de 1881 indica que, nas primeiras séries, eram oferecidos os textos mais modernos, do século XIX, considerados mais fáceis por serem contemporâneos dos leitores escolares, e depois, gradativamente,



eram introduzidos os textos mais antigos, até chegar nos clássicos dos séculos XVII e XVI, nas últimas séries, [...] organizados por gêneros. (RAZZINI, p. 5)

O que nos faz refletir sobre a escolha hoje, a exemplo dos PCNs, acerca do estudo dos gêneros, em que se pretende apresentar aos alunos um número variado de gêneros textuais para que eles possam desenvolver as habilidades leitoras, como também a habilidade argumentativa através da escrita, sabendo utilizar os recursos linguísticos e textuais necessários para que se alcance em seu discurso o objetivo persuasivo desejado, conforme podemos perceber nas habilidades e competências exigidas no Enem para a área de Linguagens, Códigos e suas tecnologias:

H21 - Reconhecer em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não-verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.

H22 - Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

H23 - Inferir em um texto quais são os objetivos de seu produtor e quem é seu público alvo, pela análise dos procedimentos argumentativos utilizados.

H24 - Reconhecer no texto estratégias argumentativas empregadas para o convencimento do público, tais como a intimidação, sedução, comoção, chantagem, entre outras.¹(A BÍBLIA DO NOVO ENEM, 2010, p. 14)

Com base no que abordamos até agora, podemos concluir que ainda hoje os modelos de ensino são comandados pelos exames de avaliação para as universidades, a exemplo do Enem que, segundo sua nova proposta, se coloca como:

Um exame nacional unificado, desenvolvido com base numa concepção de prova focada em habilidades e conteúdos mais relevantes, passaria a ser importante instrumento de política educacional, na medida em que sinalizaria concretamente para o ensino médio orientações curriculares expressas de modo claro, intencional e articulado para cada área de conhecimento. (ANDIFES, 2009, p.4)

Porém, diferentemente dos demais modelos avaliativos de vestibulares dos últimos anos, o modelo do Enem pretende tirar o foco do caráter informacional para uma proposta educacional que vise a uma mudança de atitudes, buscando um conteúdo articulado com as áreas de conhecimento de forma a torná-lo algo significativo para o aluno e a desenvolver habilidades e competências específicas. Além disso, ao trazer um objeto de estudo sem que seja determinado um conteúdo específico para cada série, tende a deixar para a escola o papel de organizar seu currículo da maneira que achar mais adequado para a formação do seu aluno, o que não ocorria anteriormente.

Tal flexibilização deixa para a escola a necessidade de criar um projeto pedagógico e repensar o lugar do ensino de literatura no Ensino Médio, uma vez que os documentos oficiais atribuem à formação do leitor não apenas ler poesias, por exemplo, mas apropriar-se dessa leitura e linguagem “por meio da experiência estética”. (BRASIL, 2008, p. 55). Essa experiência não pode acontecer sem o contato direto com o texto literário, o que exige, também, um repensar do material didático dirigido a esse segmento.

Dessa forma, quando lemos as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, (2008) no que se refere à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias,

1 Habilidades referentes à competência de área 7, ou seja, “confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.”





vemos que o interesse pela literatura também está no conhecimento cultural e no domínio do que está na ordem do “comunicável”, “da linguagem, que contrai com a ideia de cultura geral”, item necessário para a formação do cidadão leitor e crítico da realidade, capaz de resolver os problemas que lhe são colocados no enfrentamento com o mundo do trabalho etc., isto é, “o exercício de tarefas especializadas” (Souza, 1999, p.22).

Apesar de as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (2008) trazerem uma nova formatação para o ensino, infelizmente, segundo Barbosa (2010) o documento deixa a desejar por faltarem as orientações necessárias para que o professor do Ensino Médio possa encontrar uma metodologia capaz de desenvolver as habilidades necessárias na formação do leitor literário. Tal falta faz com que o professor ou assuma posturas consideradas “inovadoras”, mas sem um planejamento e metodologia adequados, ou mantenha apenas um ensino historicista na abordagem do texto literário.

Em decorrência, o Enem traz também para literatura o lugar de Linguagens e Códigos, enxergando-a como um patrimônio cultural, no momento em que define matrizes de competências e habilidades tendo como instrumento para alcançá-las, também, a leitura de textos literários. No entanto, os textos literários surgem ora como mais um dos gêneros textuais, ora como uma produção artística com suas especificidades de produção, diferentemente dos demais gêneros, no que se refere ao caráter utilitário. O que nos faz questionar: qual modelo e que visão de literatura devem orientar o projeto pedagógico no Ensino Médio: a teoria dos gêneros ou a abordagem historicista no ensino de literatura?

O Enem e suas implicações para o Ensino Médio: o lugar da literatura na escola

O Exame Nacional do Ensino Médio nasce de um contexto de mudança no ensino que exclui o apelo excessivo à

memorização e traz como eixo de sua avaliação a capacidade de “medir quais são as construções que um determinado aluno conseguiu efetuar ao terminar a educação básica.” (*A BÍBLIA DO NOVO ENEM*, 2010, p. 6).

Até 2008, as matrizes de competências eram muito geral, compostas de 5 competências e 21 habilidade, não ficando claro, por exemplo, o lugar específico da literatura. Isso repercutira na própria estruturação da prova, uma vez que os textos literários, por exemplo, apareciam diluídos na prova junto com outras áreas do conhecimento, sendo utilizados, inclusive, para questões referentes a diversas áreas como biologia, geografia, física etc.

Com base nessas habilidades, a literatura tanto podia permanecer numa linha historicista e mantenedora dos autores já consagrados pelo cânone, quanto como ponto de partida para análises linguísticas, textuais, além de parâmetros para abordagens de conhecimentos de outras áreas, conforme as demais habilidades. Além do fato de que para avaliar uma mesma habilidade, tanto servia o texto literário quanto uma história em quadrinhos, um artigo de jornal etc. O que nos faz pensar em voltar ao nosso questionamento inicial que também é o questionamento atual contido nos documentos oficiais do governo: para que serve a literatura? O que é literatura? Qual a sua função?

As habilidades e a utilização do texto literário vêm reforçar o fato de que para o Enem, a literatura é considerada como mais uma linguagem necessária no desenvolvimento da habilidade leitora, habilidade esta que tanto se volta para a leitura do texto quanto para as suas relações com o contexto de sua produção, conferindo ao texto literário, contudo, peculiaridades que o diferenciam dos demais gêneros textuais.

A fim de exemplificar o que acabamos de afirmar, analisemos algumas questões do Enem, entre os anos de 1999 e 2009.



Quadro 1 – Questão do Enem 1999

Soneto de fidelidade

De tudo ao meu amor serei atento
Antes e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou ao seu contentamento.
E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama.

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.
MORAES, Vinícius de. Antologia poética. São Paulo: Cia das LETRAS 1992.

A palavra **mesmo** pode assumir diferentes significados, de acordo com a sua função na frase. Assinale a alternativa em que o sentido de **mesmo** equivale ao que se verifica no 3º verso da 1ª estrofe do poema de Vinícius de Moraes.

- a) “Pai, para onde fores,/ irei também trilhando as **mesmas** ruas...” (Augusto dos Anjos)
- b) “Agora, como outrora, há aqui o **mesmo** contraste da vida interior, que é modesta, com a exterior, que é ruidosa.” (Machado de Assis)
- c) “Havia o mal, profundo e persistente, para o qual o remédio não surtiu efeito, **mesmo** em doses variáveis.” (Raimundo Faoro)
- d) “Mas, olhe cá, Mana Glória, há **mesmo** necessidade de fazê-lo padre?” (Machado de Assis)
- e) “Vamos de qualquer maneira, mas vamos **mesmo**.” (Aurélio)

Fonte: ABÍBLIA DO NOVO ENEM, 2008, p. 47.

Nessa questão, a habilidade exigida é a de “Com base em um texto, analisar a funções da linguagem, identificar marcas de variantes linguísticas de natureza sociocultural, regional, de registro ou de estilo, e explorar as relações entre as linguagens coloquial e formal.”, habilidade esta prevista no Enem na formatação anterior ao Novo Enem, sobre o qual falaremos mais adiante.

Veja que a reflexão do aluno recai em observar o significado que a palavra

mesmo num determinado verso do poema de Vinícius de Moraes e identificar a sua recorrência em versos de outros autores. Para verificar tal habilidade, o texto literário é apenas um pretexto, a reflexão não recai nele mesmo. Dessa forma, qualquer texto que não fosse literário poderia ser usado para o mesmo fim, como o que ocorre na mesma prova (Enem 1999) com uma questão envolvendo uma história em quadrinhos:





Quadro 2 – Questão do Enem 1999



QUINO. Mafalda inédita. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Observando as falas das personagens, analise o emprego do pronome **SE** e o sentido que adquire no contexto. No contexto da narrativa, é **CORRETO** afirmar que o pronome **SE**,

- Em I, indica reflexividade e equivale a “a si mesmas”.
- Em II, indica reciprocidade e equivale a “a si mesma”.
- Em III, indica reciprocidade e equivale a “umas às outras”.
- Em I e III, indica reciprocidade e equivale a “umas às outras”.
- Em II e III, indica reflexividade e equivale a “a si mesma” e “a si mesmas”, respectivamente

Fonte: A BÍBLIA DO NOVO ENEM, 2008, p. 49.

Nessa questão, o aluno também deve observar o contexto do uso do pronome **se**, reconhecendo-o. Veja que, de acordo com a habilidade, o documento deixa claro que é com “base em um texto”, não interessando se é literário ou não. A própria estrutura das provas (até 2008), confirma afirmações como: “com base em um texto”, “linguagem de determinada área de conhecimento”, “comparando diversos pontos de vista”, “situação-problema” etc., uma vez que o texto

literário está espalhado ao longo das 63 questões.

Claro que, levando em conta a habilidade de número 2, referida acima, há questões que trazem o texto literário, agora numa abordagem historicista ou ainda reconhecendo os recursos estilísticos empregados no texto, deixando claro, também, que se trata de “textos literários consagrados”, como podemos perceber, na questão do Enem 2000, descrita no quadro 3.

Quadro 3 – Questão do Enem 2000

Ferreira Gullar, um dos grandes poetas brasileiros da atualidade, é autor de “Bicho urbano”, poema sobre a sua relação com as pequenas e grandes cidades.

Bicho urbano

Se disser que prefiro morar em Pirapemas
ou em outra qualquer pequena cidade do país
estou mentindo
ainda que lá se possa de manhã



lavar o rosto no orvalho
e o pão preserve aquele branco
sabor de alvorada.

.....
A natureza me assusta.
Com seus matos sombrios suas águas
suas aves que são como aparições
me assusta quase tanto quanto
esse abismo
de gases e de estrelas
aberto sob minha cabeça.

GULLAR, Ferreira. Toda poesia. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991.

Embora não opte por viver numa pequena cidade, o poeta reconhece elementos de valor no cotidiano das pequenas comunidades. Para expressar a relação do homem com alguns desses elementos, ele recorre à sinestesia, construção de linguagem em que se mesclam impressões sensoriais diversas. Assinale a opção em que se observa esse recurso.

- a) “e o pão preserve aquele branco/ sabor de alvorada.”
- b) “ainda que lá se possa de manhã / lavar o rosto no orvalho.”
- c) “A natureza me assusta. / Com seus matos sombrios suas águas.”
- d) “suas aves que são como aparições / me assusta quase tanto quanto”
- e) “me assusta quase tanto quanto / esse abismo / de gases e de estrelas”

Fonte: A BÍBLIA DO NOVO ENEM, 2008, p. 77.

Neste caso, o “texto literário consagrado” serve de base para avaliar se o aluno é capaz de inferir os “recursos expressivos dos autores”, nesse caso a sinestesia. Sabemos, porém, que os recursos expressivos, como no caso a sinestesia, não são exclusivos da linguagem literária, o que reforça, como já dissemos, o fato de o texto literário ser

considerado mais uma forma de linguagem, que o aluno deve se apropriar e reconhecer as peculiaridades.

Vejamos um exemplo de uma questão que exige do aluno conhecimento geral acerca das concepções artísticas e sua relação com contexto histórico, social, político ou cultura, elaborada na prova de 2001:

Quadro 4 – Questão do Enem 2001

No trecho seguinte, o narrador, ao descrever a personagem, critica sutilmente um outro estilo de época: O Romantismo.

“Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação.”

ASSIS, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas Rio de Janeiro: Jackson, 1957.





A frase do texto em que se percebe a crítica do narrador ao Romantismo está transcrita na alternativa:

- a) "... o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas..."
- b) "... era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça..."
- c) "Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno..."
- d) "Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos..."
- e) "... o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação."

Fonte: A BÍBLIA DO NOVO ENEM, 2008, p. 126.

Apresenta-se aqui um fragmento do romance consagrado, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em que se dispensa do aluno a leitura integral, mas apenas a capacidade de com base no conhecimento das características do Romantismo, perceber num texto do Realismo, uma crítica àquele. Observa-se aqui, uma visão historicista e evolutiva da literatura, em que se sugere a noção de que um estilo literário nega sempre o que o precedeu, o que nos faz concluir o fato de que a literatura se mantém numa perspectiva historicista, o lugar ainda é esse.

A partir de 2009, devido ao caráter de avaliação nacional para o ingresso nas Universidades Federais, surge a necessidade de adequar-se às novas orientações para o ensino médio, havendo alteração na matriz de competências. Os cinco eixos cognitivos permaneceram, mas foram agregadas competências específicas a cada grande área, conforme os documentos recentes e ampliado o número de habilidades para 120, além de trazer o objeto de conhecimento a ser avaliado. O formato da prova muda, uma vez que as questões passam a dividir-se por área, diferentemente do modelo anterior em que não havia essa separação.

Interessa-nos a área "Linguagens e Códigos e suas Tecnologias",

englobando Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Física e Arte. Da forma como está explícito na área Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, a Literatura continua inserida no campo da linguagem, segundo determinam as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2008), ao dedicar-lhe um capítulo específico, no qual defende o fato de que a Literatura possui elementos discursivos que extrapolam as "aplicações práticas", possuindo um "exercício de liberdade" na utilização da língua. Mas também se insere a Literatura no campo das manifestações artísticas.

Da mesma forma, quando observamos os objetos de conhecimento associados à Matriz de Referência do Enem relacionados ao tópico "Produção e recepção de textos artísticos: interpretação e representação do mundo para o fortalecimento dos processos de identidade e cidadania", a Literatura não está inserida, encontrando-se apenas as artes visuais, o teatro, a música e a dança. No entanto, ela ganha um tópico específico "Estudo do texto literário: relações entre produção literária e processo social, concepções artísticas, procedimentos de construção e recepção de textos"². Sobre este tópico, vejamos a questão abaixo do Enem 2009.

² Objetos de conhecimento associados às Matrizes de Referência para a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Disponível em http://www.enem.inep.gov.br/pdf/Enem2009_matriz.pdf. Acesso em: 10 julh 2010.



Quadro 5 – Questão do Enem 2009

No decênio de 1870, Franklin Távora defendeu a tese de que no Brasil havia duas literaturas independentes dentro da mesma língua: uma do Norte e outra do Sul, regiões segundo ele muito diferentes por formação histórica, composição étnica, costumes, modismos linguísticos etc. Por isso, deu aos romances regionais que publicou o título geral de Literatura do Norte. Em nossos dias, um escritor gaúcho, Viana Moog, procurou mostrar com bastante engenho que no Brasil há, em verdade, literaturas setoriais diversas, refletindo as características locais.

CÂNDIDO, A. A nova narrativa. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 2003.

Com relação à valorização, no romance regionalista brasileiro, do homem e da paisagem de determinadas regiões nacionais, sabe-se que

- a) o romance do Sul do Brasil se caracteriza pela temática essencialmente urbana, colocando em relevo a formação do homem por meio da mescla de características locais e dos aspectos culturais trazidos de fora pela imigração europeia.
- b) José de Alencar, representante, sobretudo, do romance urbano, retrata a temática da urbanização das cidades brasileiras e das relações conflituosas entre as raças.
- c) o romance do Nordeste caracteriza-se pelo acentuado realismo no uso do vocabulário, pelo temário local, expressando a vida do homem em face da natureza agreste, e assume frequentemente o ponto de vista dos menos favorecidos.
- d) a literatura urbana brasileira, da qual um dos expoentes é Machado de Assis, põe em relevo a formação do homem brasileiro, o sincretismo religioso, as raízes africanas e indígenas que caracterizam o nosso povo.
- e) Érico Veríssimo, Rachel de Queiroz, Simões Lopes Neto e Jorge Amado são romancistas das décadas de 30 e 40 do século XX, cuja obra retrata a problemática do homem urbano em confronto com a modernização do país promovida pelo Estado Novo.

Fonte: A BÍBLIA DO NOVO ENEM, 2010, p. 189.

Nessa questão, a habilidade exigida é “reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional”. O item não partiu de um texto literário, mas de um ensaio crítico do famoso crítico literário Antônio Cândido, conforme citado na referência bibliográfica do texto em questão. Este ensaio crítico leva o aluno a estabelecer relações entre o conhecimento do romance regionalista brasileiro no tocante às regiões nacionais e o de seus autores representativos. Dessa forma, a formação literária cumpre o papel de

proporcionar ao aluno, através de obras de diferentes épocas (o que quebra com a perspectiva puramente historicista) a capacidade de relacionar textos literários de autores e épocas diferentes que atualizam “valores sociais e humanos”. Não basta a memorização de escolas, autores e estilos de épocas, vistos de uma forma taxativa, mas o estabelecimento de relações interdiscursivas e estilísticas que, claro, não podem excluir o contexto de produção.

Conforme já dito, quando lemos a *Matriz de Referência de Linguagens*,





Códigos e suas Tecnologias (2008), percebemos que a Literatura, enquanto conteúdo, tanto está inserida no campo da linguagem e códigos quanto no campo das expressões artísticas, compreendidas “como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade”.³

No entanto, apesar de trazer questões como a que transcrevemos acima, fugindo a um caráter meramente historicista e de memorização, outras questões das provas do Enem, ainda se mantém o aspecto interpretativo dos recursos estilísticos, o reconhecimento das características peculiares a cada

época literária. Mantém-se, também a utilização do texto literário para o estudo dos aspectos linguísticos tomando-o como mais um tipo de texto, para fins de observação dos recursos expressivos da língua, procedimentos de construção e recepção dos textos; além de servir como uma forma de apresentação de diferentes pontos de vista, conforme podemos constatar no documento do Enem contendo os objetos de conhecimento a serem estudados.

Na questão abaixo, ainda referente à prova de 2009, o texto literário é usado apenas para identificar recursos expressivos do Simbolismo, por meio de um poema de um autor consagrado.

Quadro 6 – Questão do Enem 2009

Cárcere das almas

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha e, sonhando, as imortalidades
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossais e abandonadas,
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,
que chaveiro do Céu possui as chaves
para abrir-vos as portas do Mistério?!

CRUZ E SOUSA, J. Poesia completa. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura / Fundação Banco do Brasil, 1993.

Os elementos formais e temáticos relacionados ao contexto cultural do Simbolismo encontrados no poema *Cárcere das almas*, de Cruz e Sousa, são

a) a opção pela abordagem, em linguagem simples e direta, de temas filosóficos.

3 Matriz de Referência do Enem 2009, p. 3, In: http://www.enem.inep.gov.br/pdf/Enem2009_matriz.pdf, acesso em 21/07/2010)



- b) a prevalência do lirismo amoroso e intimista em relação à temática nacionalista.
- c) o refinamento estético da forma poética e o tratamento metafísico de temas universais.
- d) a evidente preocupação do eu lírico com a realidade social expressa em imagens poéticas inovadoras.
- e) a liberdade formal da estrutura poética que dispensa a rima e a métrica tradicionais em favor de temas do cotidiano.

Fonte: ABÍBLIA DO NOVO ENEM, 2010, p. 178.

A habilidade testada é “estabelecer entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.” Mas o reconhecimento das características estilísticas predomina, bastando ao aluno dominar as características do Simbolismo, uma vez que o texto empregado para a questão quase que se exclui. O aluno sabendo das características temáticas e formais do Simbolismo irá marcar, sem precisar ler propriamente o texto, a letra **C**. O que nos leva a concluir o fato de que fica difícil saber como avaliar, quando

reconhecemos o caráter subjetivo da Literatura: ela é produção artística, é expressão cultural, e como tal não possui enquadramentos assim tão didáticos, mas que, ao mesmo tempo, é conteúdo que deve sofrer uma avaliação objetiva, daí a dificuldade de elencar um lugar para a literatura e de estabelecer-lhe uma “adequada escolarização”, “uma expressão de Magda Soares (1999), para quem a escolarização da literatura é um processo inevitável no âmbito da escola.” (BARBOSA, 2011, p. 10).

Vejam os outros textos do Enem 2009.

Quadro 7 – Questão do Enem 2009

Canção do vento e da minha vida

O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flores...
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De frutos, de flores, de folhas.

[...]

O vento varria os sonhos
E varria as amizades...
O vento varria as mulheres...
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De afetos e de mulheres.

O vento varria os meses
E varria os teus sorrisos...
O vento varria tudo!
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De tudo.

BANDEIRA, M. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.





Predomina no texto a função da linguagem

- a) fática, porque o autor procura testar o canal de comunicação.
- b) metalinguística, porque há explicação do significado das expressões.
- c) conativa, uma vez que o leitor é provocado a participar de uma ação.
- d) referencial, já que são apresentadas informações sobre acontecimentos e fatos reais.
- e) poética, pois chama-se a atenção para a elaboração especial e artística da estrutura do texto.

Fonte: A BÍBLIA DO NOVO ENEM, 2010, p. 188.

A habilidade aqui exigida é “Analisar a função da linguagem predominante nos textos em situações específicas de interlocução.”, o que poderia ser perfeitamente verificada com base em outros gêneros textuais verbais ou não verbais, como ocorre em outras questões. A literatura é mais um texto que o aluno deve saber ler, uma vez que o texto literário requer reflexões específicas que o diferem dos textos considerados não literários.

Aqui, abre-se ainda um parêntese. Os textos literários utilizados nas avaliações do Enem são de autores já consagrados pelo cânone. No tocante aos textos literários, a poesia domina a prova, em que temos Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Manuel Bandeira além de poetas do século XIX largamente citados nos livros didáticos. O mesmo ocorre com a prosa, só que aparecendo com menos frequência e de forma fragmentada. Já o texto teatral não aparece a não ser por meio de ensaios críticos ou artigos. Parece ser algo difícil sair do lugar comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando por base as reflexões que apresentamos, cabe-nos tentar responder à grande questão: qual é o lugar da leitura e da experiência literária na escola tendo em vista o modelo de avaliação Enem? Primeiramente, a Literatura perde sua sacralização, o que permite uma maior aproximação do aluno com essa linguagem, sendo esse um aspecto bastante positivo. Além disso, ela

é incorporada ao mundo das representações, como necessidade de cultura geral e aquisição de habilidades específicas como já foi em séculos anteriores, o que auxilia no esclarecimento acerca de sua função e de seu lugar na escola. Dessa forma, acreditamos ser esse o seu lugar: o do domínio das linguagens e o do conhecimento de cultura geral.

Mas, e a leitura integral de obras literárias, onde fica? Qual será a sua função a partir desse modelo de avaliação? Pois, o seu ensino está diretamente, não sejamos utópicos, muito mais relacionados a uma questão de vestibular que a uma necessidade de letramento literário. Assim, a leitura completa de obras literárias, antes motivadas pela cobrança dos vestibulares das Universidades Federais, terá sua motivação a partir de quê? Para que ler um clássico da literatura brasileira, se o Enem não dá indicações de leitura? Que clássicos ou que textos ler, quando os que surgem nas provas do Enem são escolhidos de acordo com as habilidades e competências que se quer testar?

Por trás disso, no entanto, nas questões do Enem, o que está em destaque é a competência leitora. Desse modo, o foco recai no leitor, não no autor do texto. O leitor deve conhecer o passado histórico-cultural de seu povo, como formação de sua identidade, para assim estar habilitado para responder às exigências da sociedade a qual está inserido, sabendo se posicionar frente às questões político-culturais e sociais que



lhes são apresentadas e o texto literário deve cumprir, também, essa função, no espaço escolar.

Cabe à escola, como já afirmamos, organizar seu currículo e promover uma metodologia que abarque uma pedagogia de projetos, em que a Literatura dialogue com as demais áreas do conhecimento, na busca de uma formação integral do sujeito, uma vez que:

o domínio das linguagens envolve a apreensão de códigos e símbolos, as distinções e as correlações entre texto e contexto, a confrontação de opiniões e o respeito à diversidade de manifestações culturais. Trata-se de aprendizagem concomitante à formação da própria identidade do sujeito que aprende e se desenvolve. (INEP, 2005, p. 72)

Outro aspecto recai ainda sobre modelos: o caráter historicista de abordagem do texto literário alcançou formatação realmente reflexiva? Que procedimentos metodológicos devem orientar os professores de literatura do Ensino Médio para que possam preparar os alunos a adquirirem as competências e habilidades propostas pelo Enem? Em que e como essas competências auxiliam na formação do leitor literário?

Essas questões merecem ampla reflexão, sobre as quais nosso artigo apenas deseja levantar inquietações que podem orientar pesquisadores e professores da área, para que o ensino de literatura possa de fato ir encontrando seu lugar, uma vez que os argumentos levantados pelos documentos oficiais ainda não respondem efetivamente aos anseios da necessidade da literatura na formação do leitor, enquanto prática de ensino.

Tal prática, porém, não tem como ser alterada enquanto as universidades de Letras ainda mantiverem um ensino com padrões que se repetem desde o século XIX, como afirma Zilberman (2005) ao constatar que:

Desde então e apesar das grandes modificações nos paradigmas científicos, as Faculdades de Letras não chegaram a propriamente alterarem seus programas de estudo das literaturas vernáculas caracterizado por a) preferência pela perspectiva historicista [...], b) divisão da literatura conforme as nacionalidades [...] (ZILBERMAN, 2005, p.234)

Dessa perspectiva adotada, ainda segundo a autora, os resultados são o isolamento das tradições portuguesas e brasileiras, ainda que pertençam a um mesmo tronco, e exclusão das literaturas de origem africana e asiática ou apresentação de forma fragmentada e isolada. Isto repercute no Ensino Médio, cuja noção de literatura praticamente se fixa numa abordagem isolada, fragmentada, além de excludente no que se refere aos autores não abordados pela academia. Nesse sentido, o modelo de avaliação do Enem ainda mantém essa prática, apenas apontando mudanças no que se refere às suas propostas metodológicas: o foco na competência leitora.

Além do mais, fica para o estudante universitário e futuro professor, assim como o estudante do ensino médio a noção de que as escolas literárias são estanques, não havendo uma relativização das mesmas nem mesmos de seus autores, enquadrados numa perspectiva única de um estilo e de uma época.

Acreditamos que o Enem, com algumas restrições já apontadas aqui e outras que vamos encontrando à medida que nos detemos em sua análise, vem trazer a possibilidade de podermos olhar o ensino de literatura como uma necessidade de apropriação da linguagem e de valorização do patrimônio cultural. Mas, necessitamos de uma reflexão das práticas de ensino – como ensinar? Surge, aqui, a necessidade de rever conceitos, usos, paradigmas e posturas no Ensino Médio, já tão fortemente enraizados e buscar uma prática que envolva o contato direto com a





leitura, num processo reflexivo que vise ao letramento literário, isto é, a apropriação de sua leitura, a fruição.

Enfim, é necessário que se forme o professor e que Universidade e Ensino Básico possam dialogar de fato, tanto no que se refere às perspectivas adotadas

nas Faculdades de Letras como na relação com o ensino. A distância entre esses níveis de ensino dificulta, inclusive, a reflexão da prática em sala de aula no que se refere à literatura, uma vez que cabe a escola a função de continuar uma tradição e não, necessariamente, a de subvertê-la (BOURDIEU, 2008).

LITERATURE IN ENEM AND IMPLICATIONS TO HIGH SCHOOL

ABSTRACT

The history of Literature teaching, literary literacy, methodologies and assessment practices have a prominent place in academic environment, prompting extensive research in this area. In order to make reflections on the current role and place of literature referring to ENEM, this study will provide a brief course about the literary history in Brazilian education, its methodology and different concepts from the sixteenth century to the present days based on Souza (1999), Razzini (2002), Abreu (2003) and authors such as Zilberman (2005) and Barbosa (2010), aiming to observe the place that Literature occupies in High School when this evaluation process is inserted all over the national territory. To illustrate our discussion, we will also analyze some Enem questions, noting the implications of its documents, contents, reference matrices and high school assessment tests, pointing out contradictions and innovations in its project in relation to Literature.

Keywords: Enem - Literature - High School.

Artigo submetido para publicação em: 01/10/2011

Aceito em: 18/11/2011

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DO NOVO ENEM: resolução comentada das provas do Exame Nacional do Ensino Médio (1998-2007). Belo Horizonte: Log, 2008.

A BÍBLIA DO NOVO ENEM: revisada e atualizada, com a resolução das 360 questões do ENEM 2009 e mais 360 questões inéditas propostas. Belo Horizonte: Log, 2010.

ABREU, Márcia. Letras, Belas Letras, Boas Letras. In: _____. **História da literatura: o discurso fundador.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, Associação de leituras do Brasil: Fapesp, 2003.

ANDIFES: **Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino superior.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13318&Itemid=310> Acesso em: 21 ago 2010.

BARBOSA, Socorro F. P. Uma breve história do conceito de literatura e do seu ensino no Brasil. In: Ana Cristina de Sousa Rodrigues; Jan Edson Rodrigues Leite (Org.). **Linguagens Usos e Reflexões.** 1 ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010, v. 6, p. 64-76.

_____. **PCNs e Literatura: novas roupagens para velhos problemas.** Disponível em:



<www.ead.ufpb.br>. Acesso em 10 mai 2010.

_____. **Ensinar literatura através de projetos didáticos e de temas caracterizadores.**

In: _____ (org.). *Ensinar literatura através de projetos didáticos e de temas caracterizadores.* João Pessoa: Editora da UFPB, 2001. p. 9-23.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação.** 10. ed. Organizado por Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008, vol 1.

INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): fundamentação teórico-metodológica** / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília : O Instituto, 2005.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. **O espelho da nação: A Antologia Nacional e a Ascensão do Português no Currículo da Escola Secundária Brasileira (1838-1971).**

Unicamp Institutos de Estudos da Linguagem, 1999. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc.rio.br/egi->>. Acesso em: 21 mai 2009.

SOUZA, Roberto Acízelo de. A instituição dos Estudos Literários no Brasil. in: _____.

O império da eloquência. Rio de Janeiro: Eduerj; Niterói: Eduff, 1999. p. 17-37.

ZILBERMAN, Regina. A universidade brasileira e o ensino das literaturas de língua portuguesa. In, BORDINI, Maria da Glória et al (Org.). **Crítica do tempo presente.** Porto Alegre: Nova Prova: lel, 2005. p. 233-244.

